

JOSÉ DE MESQUITA
(Do Instituto Histórico de Mato Grosso)

Os Jesuítas em Mato Grosso

Cuiabá
Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso
1940

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

OS JESUITAS EM MATO GROSSO

Trabalho lido pelo desembargador José de Mesquita, na sessão comemorativa do Centenário da Companhia de Jesus, promovida pelo Instituto Histórico de Mato Grosso.

I

Três vezes, em três épocas e três cenários diferentes, se exerceu, em Mato Grosso a ação dos filhos de Santo Inácio, os heróicos membros da Companhia de Jesus, cujo quarto centenário agora se comemora.

A primeira teve como teatro as margens do Embotetey, o nosso atual Aquidauana, estendendo-se em missões e povoados, onde a penetração bandeirante viria chofrar-se, destruindo o trabalho de muitos anos, na ânsia da presa do índio, que foi a principal causa determinante da grande expansão brasileira para o Oeste. Em pleno século XVII, portanto na fase que se pode chamar a pré-história de Mato Grosso, floriavam na zona por onde correm hoje as composições da Noroeste, as “reduções” castelhanas de Xerez, Nossa Senhora da Fé, Santo Inácio, Cruz de Bolanos, São José de Itatines, Angeles e São Pedro y São Paulo (1).

Confunde-se, nesse período, a historia de Mato Grosso com a do Paraguai, a cujo cabo de guerra, Megarejo, se deve, segundo Gervara, a onda povoadora que se espraiou pelo sul, de Guáira aos *llanos* de Yaguary. Esse período interessante, em que se chocam os dois

(1) Ver, sobre essa fase da expansão jesuítica no sul, os estudos preciosos do barão do Rio Branco *in* Questão de limites Brasil-Argentina.

imperialismos – de Castela, representado nos Nulos Chaves e Iralas, a cujo serviço andavam os Padres da Companhia, e de Portugal, com os índios e mamelucos de Raposo Tavares, – já tem sido estudado por mais dum monografista insigne, valendo citar Antonio Correa da Costa, no “Predecessores dos Pires de Campos e Anhangueras” e Virgilio Correa Filho, no “As raias de Matto-Grosso” (2).

O grande drama da marcha bandeirante para o Oeste, que levou os lindes do Brasil muito além do que poderia sonhar a própria coroa portuguesa, teve como consequência o completo extermínio e dispersão dos aldeamentos jesuíticos da zona meridional de Mato Grosso, com o arrasamento das povoações do Rio Pardo e Xerez, desaparecendo os últimos vestígios do trabalho inaciano nas missões de Guáira, onde uma grande republica teocrática havia lançado os seus fundamentos. As crônicas de Cuiabá registam, mais de um século depois, pela pena verenda de Barbosa de Sá, esse «montão de telhas arrumadas, cobertas de matto, um quarto de légua afastado da barra do rio Panema . . e mais adiante, uns campestres, onde se vêem muitos cacos de louças e telhas, signaes de que foram aldeias por aquelles lugares, hoje tudo deserto.» E, prosseguindo, localiza, rio Pardo acima, até a barra do Anhanduy, e por este, a montante, até as águas, do Embotetey, «seis povoações de gente castelhana ». . . «a quem os nossos famosos capitães, como fieis portugueses, fizeram guerra . . .». Nessas plagas, que o rapsodo ancestral evoca dando-lhe nome de Vacarias, porque ali «se acha por memória algum gado vacuum», paira ainda a lembrança dos Padres Bernardo Lopes e Francisco Bernardino, que, muito mais tarde, a rajada pombalina veio alcançar, na missão do Rio Pardo, para, mais injusta e menos lógica que a fúria raposiana de seiscentos, dis-

(2) Este último, no Vol. II, Fronteira meridional, págs. 31 e segs.

persar e anular o esforço dos inacianos a prol do ensino e da catequese dos silvícolas (3).

É que a arrancada do século XVII tinha sua explicação histórica e dela resultou a grande expansão brasileira para o acidente e para o sul – enquanto a perseguição do marquez e duque de Oeiras foi uma simples medida de política reacionária, que ao Brasil, pelo menos, trouxe nefastas conseqüências, empecendo – como se deu em Mato Grosso – o trabalho benéfico dos Jesuítas a favor do índio e do caboclo, na sua educação e cristianização tão necessárias.

II

Teve por cenários o segundo quadro da ação jesuítica em Mato Grosso, o vale do Guaporé e os altiplanos da Chapada. Foi em 1750, justamente ao meio do grande século da História Matogrossense, que foi o século XVIII, que uma segunda leva de Padres da Companhia penetrou os sertões de Mato Grosso.

A era de setecentos marca, por assim dizer, uma idade áurea para a nossa terra. Abre-se com a entrada bandeirante, que vai, em arrancada épica e admirável, levar a Cruz de Cristo e as quinas lusitanas até o seio mais recôndito dos sertões. Funda-se Cuiabá, destinada a ser, pelos tempos a fora, a atalaia viva e sempre desperta da brasilidade, nestes solitários rincões oestinos.

E alarga-se o Brasil, pelo braço forte do paulista, que abre a picada para que venham, depois, os outros, trabalhar no terreno que eles conquistaram.

O Brasil vai entestar-se com as possessões hespanholas do Pacífico, e por pouco se não expandiria até as faldas da cordilheira andina. Surge Vila-Bela, já no governo do primeiro Capitão-General Rolim de Moura, erigido que fora Mato Grosso em Capitania independente de São Paulo.

(3) Leia-se, a propósito, o interessante ensaio do P. A. P. Cyriaco Fernandes, *Missionários Jesuítas no Brasil no tempo de Pombal*, pag. 104.

E é nessa fase memorável, nesse centênio de dezesete, em que surgiram os mais importantes núcleos de povoação do Norte e Oeste – Corumbá, Cáceres, Poconé, todas tem seu batistério datado de mil e setecentos e tantos . . . – é nesse ciclo inolvidável de setecentos que, na própria companhia de Rolim de Moura, chegaram a Vila-Bela os Padres Estevão de Castro e Agostinho Lourenço.

Na sua “Relação de viagem”, o depois Conde de Azambuja, se refere aos dois missionários, que viajavam na segunda canoa da monção e que, em chegando à vila de Cuiabá, ele convida a cearem em sua companhia (4).

Agostinho Lourenço situa-se no Guaporé e Estevão de Castro é escalado para a missão da Chapada. São José se chamava a primeira, sendo, de começo, situada à margem ocidental do histórico rio, no lugar por nome “Casa Redonda”, mudando-se, em 1756, para o rio Michens. Aldearam-se ali índios de várias tribos; como se vê do depoimento do provedor da Fazenda Real, Felipe José Nogueira Coelho, nas suas interessantes “Memórias Chronológicas” (5).

Ao companheiro de Agostinho Lourenço estava destinado papel ainda mais relevante, qual o de fundar a missão de Aldeia-Velha, no planalto cuiabano, havendo, nessa missão de Sant’Ana, segundo o Barão de Melgaço, sido aldeados selvagens de várias nações «que se achavão em poder dos administradores» (6). Foi o berço da povoação da Chapada, que, através dos tempos, em dois séculos de revezes e lutas, ora animado, ora decadente, vem se mantendo como o centro mais apreciável de vida na zona serrana. Nessa missão de Aldeia-Velha muito trabalhou o P. Estevão, té que, em 1759, proscritos os Padres da Companhia, se retirou para lugar ignorado.

(4) Ver. Do I. H. e G. B., VII, págs. 469 e segs.

(5) Idem, vol. De 1850.

(6) Melgaço – Apontamentos para o Diccionario Chorographico – Sant’Anna da Xapada.

OS JESUITAS EM MATO GROSSO

Curioso manuscrito a que alude o P. Cyriaco Fernandes na sua memória “Missionários Jesuítas no Brasil no tempo de Pombal” diz que não se soube o que foi feito dos Jesuítas que missionavam em Mato Grosso. «Correu o boato diz ele, de que tinham passado para as colônias espanholas, o que era fácil, pois residiam em terras limítrofes.» Os arquivos da Companhia talvez possam esclarecer o destino desses abnegados apóstolos, perseguidos e expulsos por fazerem o bem.

A confusão, porem, estabelecida pela hostilidade que, nesse tempo, sofriam os Jesuítas, quiçá nem os próprios arquivos da Companhia tenha poupado – e, assim, é bem possível que os nomes desses beneméritos sacerdotes, tenham ficado, em nossa História, apenas como o sulco luminoso de um bólido cujo destino ninguém conhece e se perde nas trevas ambientes . . . Lá estão, entretanto, no cruzeiro solitário da Aldeia-Velha, naquele ermo planaltino donde emanam as águas do Coxipó-mirim, e na igreja da Chapada, com seu adro pitoresco, de pedrinhas que tradição diz haverem sido carregadas pelos índios, sob direção do P. Estevão – os vestígios indeléveis da sua passagem pela nossa História.

III

Reabre-se, dois séculos depois, o ciclo da ação dos Jesuítas em Mato Grosso, com a criação da Prelazia de Diamantino, entregue aos ilustres e dedicados Missionários da Companhia de Loiola, a cuja frente à Santa Sé, em boa hora, colocou essa figura impressiva de Missionário – que é o administrador apostólico Monsenhor João Baptista Du Dreneuf. É cedo para se fazer a História da atuação dos Jesuítas na Prelazia criada pela Bula de 22-3-29 e instalada no ano seguinte. Não o é, porem, para registrar, através do depoimento dos próprios diamantinenses, o que de benefícios para a lendária vila de Nossa Senhora da Conceição, no Alto Paraguai, tem

JOSÉ DE MESQUITA

trazido a presença e a assistência espiritual e material desses abnegados missionários.

E, ampliando o seu raio de ação ao aborígine, que é o verdadeiro «dono da terra», tão esquecido e mal prezado, entretanto, até por parte das administrações publicas, os Jesuítas da Prelazia do Diamantino já vem mantendo, com eficiência relativa, uma profícua missão entre os índios do Paranatinga, distante muitas léguas do povoado.

IV

Que Deus inspire sempre os nossos governos nessa reta compreensão da necessidade de aliar o problema espiritual à solução das grandes equações do progresso – e, assim, teremos, na cooperação inteligente desses denodados pioneiros da educação e da catequese, os heróicos descendentes, pela linhagem inaciana, dos Nóbregas e Anchietas do 1º século, um fecundo e brilhante ciclo de trabalho a prol da integração do sertanejo e do silvícola na comunhão nacional, nessa grande Família que deve ser o Brasil.

Cuiabá, Set. 1940.